

ARTIGO

VIVENDO NA PANDEMIA

DS

Em A Arte de Escrever, o filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860) ensina que os grandes pensadores da Humanidade devem aprender diretamente “no livro do mundo”, não se restringindo ao caráter livresco das questões, mas reconhece não ser possível ter pensamentos próprios a todo momento, razão pela qual se torna necessária a leitura com o fito de “alimentar o espírito com materiais”, forma de enriquecer os textos.

Bela lição do mestre. Nesses tempos de pandemia, é oportuno aduzir que os escribas têm procurado mesclar seu pensamento com ideias de outros, na perspectiva de encontrar explicações para as quais a lógica do cotidiano não dá respostas satisfatórias. Como explicar, por exemplo, numa era tão fértil para a ciência, que seria possível surgir gravíssima crise sanitária que faz padecer a Humanidade? É bem verdade que a ciência descobriu em menos de um ano vacinas eficazes para combater o coronavírus, mas que certeza teremos de não reaparecer mais adiante vírus ainda mais perigosos? Ou por que, em um mundo cada vez mais chegado ao conhecimento, existem figuras negacionistas, que não acreditam na calamidade que as cerca, preferindo seguir os passos de populistas e demagogos, chegando mesmo a defender fogueiras para queimar os crentes?

Este é o diálogo que esse obscuro analista político tenta estabelecer com seus leitores, ainda sob a lição do filósofo alemão de que os escritos não podem se tornar monólogo, mas diálogo, como se estivéssemos em permanente interlocução. Diálogo que se faz absolutamente necessário nesse instante em que, isolados uns dos outros fisicamente, dispomos de mais tempo para a leitura, para ouvir a opinião de outros, para uma ação interativa que nos ajudará a entender o mundo real.

Confesso que penso todo tempo no meu interlocutor, no leitor, próximo ou distante, tentando prescrutar o que pensa, como pensa, a maneira como reage ao oceano de informações que lhe chega pelas vias malhas da comunicação, tanto as escritas como as eletrônicas. Como procura sair do intenso solilóquio dessa era da restrição nos nossos deslocamentos? Como sairemos do paredão que nos cerca? Mais pensativos, menos falantes, mais pensadores, menos eloquentes, mais conformados ou revoltados? Possivelmente mais criativos. Porque o isolamento, em qualquer de suas formas, nos leva a fazer passeios no passado, uma revisita aos amigos e parentes que já partiram, uma prospecção no campo profissional, enfim, situações que aguçam nossa maquinazinha de pensar. Ou seja, nossa cabeça gira a 360°.

Em determinadas áreas, como a da elaboração de textos e produção de pensamentos, ou no campo das artes e da cultura, a criatividade ganha mais espaço, como se veem nos bons textos de articulistas e colunistas, nas pensatas dos cadernos de literatura, nas lives de shows de nossas cantoras e cantores, nos livros que estão sendo editados. Lembram-se das músicas de Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil nos idos ferinos da censura? No gosto deste escriba, eram melhores, mais criativas e de maior impacto. A criatividade era um drible à censura.

Aliás, uma curiosidade. Escritores, artistas, poetas, figuras ilustres da produção de conhecimento desenvolvem técnicas para estimular sua intuição criadora e sua verve. Conta-nos o russo Sergei Tchakhotine, em Mistificação das Massas pela Propaganda Política, que Frederick Shchiller, filósofo e poeta alemão, era estimulado pelo odor de maçãs apodrecidas, que guardava na gaveta de sua mesa de trabalho; Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon, vestia, para redigir sua História Natural, seus punhos e roupa de gala; o poeta Baudelaire punha-se de bruços no assoalho para escrever seus versos; alguns tomavam café, como Balzac; outros consumiam bebidas; muitas pessoas têm necessidade de fumar para trabalhar com inspiração; para Humboldt, o melhor estímulo para o trabalho mental era subir, lentamente, na direção do cume de uma montanha, ao sol; para Goethe, era a visão longínqua de prados verdejantes e de nuvens passando no céu, que ele entrevia de sua mesa. E assim por diante.

Quem sabe se a criatividade não será um dos um dos nossos melhores trunfos nesse ciclo de angústia e medo? Como é possível inferir, este texto, ao invés de trazer um olhar sobre a conjuntura política, na modelagem rotineira que desenvolvo há décadas, é um convite a um passeio interno, uma revirada em nossa maneira de ver, observar, falar, viver a vida. Sem censura.

Gaudêncio Torquato, jornalista, é professor titular da USP, consultor político e de comunicação Twitter@gaudtorquato

JORNAL DIÁRIO DA SERRA	REDAÇÃO
Propriedade da AJOTA	DIREÇÃO DE JORNALISMO
ASSOCIAÇÃO JORNALÍSTICA DE TANGARÁ DA SERRA	Fabíola Tormes
CNPJ: 29.464.235/0001-16	CONTATO
Av. Tancredo Neves - 1247 W - Parque Mansões 78300-000 Tangará da Serra-MT	ds@diariodaserra.com.br
ISSN 22386467	Envie Pautas, Fotos Sugestões e Vídeos para o whatsapp do DIÁRIO DA SERRA
TIRAGEM	(65) 99809.2921 
1 MIL EXEMPLARES	www.diariodaserra.com.br
CIRCULAÇÃO	www.ds.jor.br
Tangará da Serra, Nova Olímpia, Barra do Bugres, Porto Estrela, Campo Novo do Parecis, Sapezal, Denise, Arenópolis, Nortelândia e Santo Afonso.	DEPARTAMENTO COMERCIAL
CENTRAL DO ASSINANTE	PUBLICIDADE ASSINATURA
(65) 3326.6501 	PUBLICIDADE LEGAL
	Associação Jornalística de Tangará da Serra - AJOTA
	Serviços Gráficos
	E. Tormes e Cia. LTDA
	CNPJ: 14.048.123/0001-07
	CONTATO: adm@diariodaserra.com.br
	Fone: (65) 3326-4724

Com mais de R\$ 3,2 bilhões, PIB de Tangará entre os 10 maiores de Mato Grosso



Tangará da Serra tem o 9º maior PIB de Mato Grosso – (Crédito: RS Imagens)

Cuiabá, com a maior população em Mato Grosso, tem o maior PIB

Diário de Cuiabá

Com mais de R\$ 3,2 bilhões, Tangará da Serra tem o 10º maior Produto Interno Bruto (PIB) entre os municípios de Mato Grosso. É o que revela números divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) tendo por base o ano de 2018.

Cuiabá, a Capital e município com a maior população em Mato Grosso, tem o maior Produto Interno Bruto (PIB). Campos de Júlio, que tem a melhor renda per capita, e Sapezal que mais adiciona valor bruto à agropecuária, são municípios novos e vizinhos, no

Chapadão do Parecis. A economia cuiabana é diversificada, ao contrário do que acontece em Campos de Júlio e Sapezal, onde a base econômica é o agronegócio, com destaque para as lavouras de soja, algodão e milho safrinha.

Na relação dos 100 maiores do Brasil, Mato Grosso tem duas cidades: Cuiabá (41º), com R\$ 23,7 bi, e Rondonópolis em 95º lugar, com R\$ 11,2 bi.

Os maiores PIB mato-grossenses são os de Cuiabá, Rondonópolis, Várzea Grande, R\$ 7,98 bi; Sinop, R\$ 6,3 bi; Sorriso, R\$ 6,05 bi; Lucas do Rio Verde, R\$ 4,46 bi; Primavera do Leste, R\$ 3,9 bi; Campo Novo do Parecis, R\$ 3,6 bi; Nova Mutum, R\$ 3,3 bi; Tangará da Serra, R\$ 3,2 bi; e Sapezal, R\$ 2,9 bi. Na outra ponta da tabe-

la do IBGE os menores são os de Araguaína, R\$ 19,2 mi; Ponte Branca, R\$ 25,02 mi; Luciara, R\$ 31,04 mi; Novo Santo Antônio, R\$ 37,8 mi; Reserva do Cabaçal, R\$ 38,3 mi; Serra Nova Dourada, R\$ 29,3 mi; e São José do Povo, R\$ 44,5 mi.

A melhor renda per capita brasileira é a de Presidente Kennedy (ES), com 583.171,85. A 12ª maior nacionalmente é a de Campos de Júlio, com R\$ 206.666,65, e que em ordem decrescente é seguido em Mato Grosso por Santa Rita do Trivelato (21º), R\$ 177.534,25; Sapezal (47º), R\$ 116.763,71; Ipiranga do Norte (53º), R\$ 114.517,97; Campo Novo do Parecis (69º), R\$ 104.683,45; Querência (79º), R\$ 97.089,70; Nova Ubiratã (83º), R\$ 92.588,46; Itiquira (90º), R\$ 89.125,31; e Santa Carmem (93º), R\$ 87.539,33.

CONGELAMENTO

Lei congela custos e impede prefeitos eleitos de “abrir cofre” em 2021

Agência Estado

Os prefeitos eleitos na eleição de 2020 com promessas de aumentar o serviço público e fazer concursos para funcionários encontrarão, no próximo ano, uma barreira legal. Custos com o funcionalismo e contratações devem ficar congelados durante todo o primeiro ano de mandato dos prefeitos eleitos.

Uma lei aprovada em

maio deste ano pelo Congresso Nacional impede a União, os Estados e os municípios de fazer qualquer contratação, reajuste ou reforma administrativa que traga aumento de despesa. A regra foi incluída na lei complementar 173, que criou o programa federal de enfrentamento à pandemia do coronavírus.

Todos os municípios do país estão submetidos à regra. Na lei, há exceções previstas apenas para a reposição de cargos e con-

tratações temporárias, inclusive para prestação de serviço militar.

O secretário executivo da Frente Nacional de Prefeitos (FNP), Gilberto Perre, critica a aprovação da regra única para os mais de 5 mil municípios brasileiros. Ele diz que as contas públicas em cidade têm situações muito diferentes, e lembra que a crise econômica tem pressionado o setor público a oferecer mais serviços nas áreas de saúde, educação e assistência social.